

ASPECTOS FENOMENOLÓGICOS DO SERTÃO

JOÃO DE VASCONCELOS SOBRINHO

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

Contrasta com a regularidade do inverno da mata o inverno do sertão. Muito embora apontem-se as épocas de início e término nunca se pode estar certo se, em um determinado ano, as coisas se passarão segundo o previsto.

E, com a variação das chuvas surge a variação da época em toda a fenologia sertaneja: a floração, a frutificação, a queda das folhas.

Do mesmo modo, o mundo animal na manifestação dos seus fenômenos biológicos, está na dependência das chuvas.

Se chove cedo, igualmente cedo enfolha-se a caatinga, rebentam os brotos novos, atapeta-se o solo de ervas.

O gado ganha as ramas novas e se enche de viço. As fêmeas de todas as espécies, preparam-se para o cio. As vacas apojam. Nos charcos, os batráquios despregados da lama amolecida inundam o ar de mil vozes. O homem semeia a terra.

Mas, se as chuvas se retardam, tudo espera: a folha no broto formado com a seiva do inverno anterior; o batráquio empalado na lama seca com todas as suas funções adormecidas; o gado contenta-se com a magra ração do curral, e o homem, mais uma vez, refugia-se na sua velha esperança.

Porém, a abundância do inverno, em um ano apenas, em parte, beneficia a safra pendente, porque a água caída no solo e sugada pelas raízes como seiva, vai preparar no íntimo da planta, em calma gestação, os elementos misteriosos dos brotos e gemas que somente no próximo inverno irão desabrochar. Assim os frutos da caatinga – o umbu, o pequi, a cajarana, o algodão mocó e a folhagem multiforme das malvas,

Artigo publicado no **Boletim da Universidade Rural de Pernambuco**, jan. fev. e mar., 1961. p. 7-9

O autor nasceu na Cidade de Jaboatão, Pernambuco, em 28 de abril de 1908 e faleceu em 04 de maio de 1989. Engenheiro Agrônomo, formado na turma de 1930 pela Escola Superior de Agricultura São Bento. Professor Catedrático da UFRPE, Diretor da Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP) de 1954 A 1957. Diretor do Jardim Zoológico de Pernambuco e do Serviço Florestal do Ministério de Agricultura. Pró-Reitor, Vice-Reitor e, posteriormente, Reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no período de 26 de abril a 02 de dezembro de 1963. Acadêmico Titular ocupante da cadeira nº 08 da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica.

dos marmeleiros e das leguminosas arbóreas, são o efeito do bom ou mau inverno anterior.

Somente as plantas anuais, aquelas que estão destinadas a fornecer no mesmo ano em que medraram, frutificam na razão das chuvas de cada inverno.

Do mesmo modo, os sapos e rãs que nos oferecem o espetáculo admirável do seu coachar repentino, na própria noite da primeira chuva, deixando-nos atônitos ante o seu misterioso aparecimento, já adultos, como que saindo de pedras do amplo sertão seco, foram os filhotes de uma geração anterior que no coração dos charcos ressequidos, esperaram longamente o novo inverno, no admirável estado de latência provocado pela seca, tal como o inverno dos países frios, seus irmãos dormem sob a neve.

É natural que as chuvas marítimas não se contenham ante a orla da prais, penetram pelo continente, constituindo o verdadeiro inverno das zonas do litoral e da mata, atingindo, geralmente, o agreste. Daí prosseguem, já muito reduzidas, e esbatam-se de encontro às serras de Mimoso e dividem-se acompanhando o cordão das serras dos Cariris ao norte e do Buíque ao sul, enquanto no vasto sertão do centro, na caatinga, já esmaecem as folhas e caem aos primeiros revérberos do sol.

Às vezes acontece que o inverno da mata foi sobremodo bom, e durante as madrugadas, as nuvens que sobram despejam-se pela caatinga, provocando um prolongamento do inverno sertanejo, o qual sofre assim a influência do inverno marítimo. Então, as folhas amadurecidas, apesar da permanência da umidade no solo e no ar, amarelecem e caem. E dá-se um fenômeno raro. Em vez de despir-se de todo, a caatinga reveste-se de nova roupagem. É uma segunda safra de folhas. Assim pudesse colher o homem a das sementes que planta.

Depois, quando as chuvas se suspendem de todo, a folhagem cai aos flocos, e, em breve, toda a caatinga está desnuda com as poucas exceções das espécies resistentes.

Sem dúvida, é a mesma função fisiológica operando em defesa do organismo que age nas regiões onde cai neve durante o inverno.

Em um e outro caso, na caatinga e nos campos gelados, é a falta d'água que exige o desfolhamento. Falta d'água no solo e na atmosfera; nas regiões frias pelo congelamento, na caatinga pelo seu desaparecimento real. Em um e outro caso: no calor seco e no frio seco, operam os mecanismos da defesa em salvaguarda do indivíduo e da espécie.

Esta realidade fisiológica em frente às exigências do meio, projeta-se nos

interesses do homem que o habita, ensinando-o operar convenientemente as plantas que cultiva. A bananeira plantada nos vales sertanejos exige que se lhe corte o pseudo-caule logo ao início do verão, para que o rizoma livre da transpiração das folhas, possa resistir à seca, protegido no seio da terra, emitindo novo broto somente com as primeiras chuvas.

Este é um exemplar simplório, existe no entanto, do fenômeno, uma multiplicidade de significados e de exigências para o agricultor dos trópicos, relacionados com a libertação das folhas que constituem, em um certo momento do ciclo anual da planta, uma sobrecarga prejudicial.

A queda das folhas é a resultante de um estado de dormência, durante o qual a planta apenas vive com as funções vegetativas mínimas, enquanto usa as energias acumuladas anteriormente para as funções reprodutoras, e inicia, no segredo do seu interior, a formação dos brotos e gemas destinados às flores.

Por isto, as árvores que habitam regiões onde durante uma época do ano são forçadas ao repouso, frutificam muito mais abundantemente.

Nas regiões onde as condições do meio são uniformes em temperatura e umidade durante todo o ano, a planta desgata-se nas funções somáticas, individuais, reveladas pelo excesso de folhagem permanente, e pouca energia lhe sobra para as funções germinais, de interesse da própria espécie.